

QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: REPRESENTAÇÃO CULTURAL NO POVOADO PIAÇAVA-NAZARÉ/TO

BASSU COCONUT CRACKERS: CULTURAL REPRESENTATION IN PEOPLE PIAÇAVA-NAZARÉ/TO

Lavina Pereira da Silva 
Rejane Cleide Medeiros de Almeida 

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar a representação cultural das quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava-Nazaré/TO, através das narrativas e contexto histórico que permeia essa prática cultural na região. O fato observado é que o povoado Piaçava possui um grupo de mulheres que perpetuam essa cultura nos dias atuais, através da prática de coleta e produção de azeite e carvão. Parto da perspectiva qualitativa e método da história oral de vida através de narrativas e fatos históricos que demarcam o território babaçuais e mudanças ambientais do município de Nazaré. As quebradeiras de coco babaçu possuem representatividade nítida de resistência nessa região, pois cultuam essa prática nos dias atuais, organizand-se politicamente e movimentando um pequeno comércio com vendas de carvão e azeite.

PALAVRAS-CHAVE: Coco babaçu. Mulheres. Resistência.

ABSTRACT

This work aims to address the cultural representation of babassu coconut breakers from Piaçava-Nazaré/TO, through the narratives and historical context that permeates this cultural practice in the region. The observed fact is that the Piaçava village has a group of women who perpetuate this culture today, through the practice of collecting and producing olive oil and charcoal. I start from the qualitative perspective and method of oral history of life through narratives and historical facts that demarcate the babassu territory and environmental changes in the municipality of Nazaré. The babassu coconut breakers have a clear representation of resistance in this region, as they worship this practice today, organizing themselves politically and moving a small trade with sales of charcoal and olive oil.

KEYWORDS: babassu coconut. Women. Resistance.

INTRODUÇÃO

A região do bico do papagaio, localizada no Estado do Tocantins, é caracterizada pela exuberância de babaçuais e presença do cerrado com representatividade nesses territórios. Nessa região, resistem e residem as

quebradeiras de coco babaçu, principalmente nos territórios rurais, indígenas e quilombolas, perpetuando essa cultura através das gerações familiares.

Com o advento do agronegócio e pecuária houve um número representativo de derrubada dos babaçuais, no qual vem impactando essa prática cultural na região, pois é notório que as mulheres lutam e resistem para manter essa paisagem, principalmente o público que reside à zona rural.

O município de Nazaré está localizado na região do bico do papagaio do Tocantins, fazendo limites com as cidades: Tocantinópolis, Santa Terezinha, Angico, Aguiarnópolis e Luzinópolis. A referida cidade possui paisagem caracterizada pelo cerrado e babaçuais, sendo conhecida pela agropecuária e pela representatividade das quebradeiras de coco babaçu, essas pessoas sobrevivem basicamente do extrativismo e da venda do fruto do babaçu. Em vários povoados desse município, perpetua-se tal cultura, com destaque para o povoado Piaçava, o qual se constitui em referência nessas atividades, com presença significativa de mulheres quebradeiras de coco babaçu. Conforme Hagino (2007, p. 02),

As quebradeiras de coco babaçu fazem parte de um movimento social feminino que combina consciência ecológica, saberes vivenciados pela prática e detenção da autonomia da produção, formando uma identidade coletiva (HAGINO, 2007, p. 02).

Apesar das mudanças culturais do modo de conceber a prática, é notório que as mulheres ainda perpetuam essa cultura pelo viés do consumo familiar e produção de azeite e pequeno comércio. É perceptível a visão ecológica que as mulheres possuem do meio territorial que estão inseridas, por meio de práticas que preservam o meio ambiente e autonomia produtiva através do coco babaçu que em se estabelecendo ao longo do contexto histórico de Piaçava.

Culturalmente, são as mulheres que desenvolvem essa prática cultural na região, apesar de relatos que indicam a ocorrência de, por décadas, uma pequena parcela de homens ter desenvolvido tal prática ao lado de mulheres, através do trabalho coletivo familiar. São perceptíveis as relações machistas que se estendem nas interações sociais dessa região, pois as mulheres são inferiorizadas e estigmatizadas em diversas ocasiões, desde a entrada no território, a exemplo do processo que se estende da coleta do fruto até o extrativismo. Historicamente, a sociedade brasileira fora estruturada por esferas patriarcais, de modo a perpetuar no tempo relações de poder sobre as quais se aponta que

[...] o patriarcalismo, sociedade do poder masculino, do império dos pais, assentada em relações paternalistas, de filhotismo e apadrinhamento, sociedade das parentelas, ia sendo modificada por um processo que é visto como de desvirilização, de declínio de um modelo de masculinidade, período de confusão entre as fronteiras de gêneros, em que as mulheres precisam assumir lugares antes reservados aos homens (ALBUQUERQUE, 2013, p. 130).

Em face disso, são perceptíveis os traços patriarcais reproduzidos nos berços familiares, na política, na educação e na religião, uma vez que os espaços ocupados pelas mulheres são até hoje limitados pelas estruturas sociais. Nesse sentido, os territórios babaçuais estão sob a posse principalmente de fazendeiros e pequenos agricultores que delineam as relações de poder com traços machistas. Assim, as quebradeiras de coco babaçu sofrem diversos tipos de violência ao longo de sua trajetória de resistência cultural, sendo necessário assinalar o uso da agressão física e simbólica. Para Bourdieu (1999, p. 47),

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 1999, p. 47).

No contexto das mulheres quebradeiras de coco babaçu, essa relação é marcada pela negação territorial, pois o viés capitalista considera a preservação das palmeiras de babaçu uma ação de "atraso" ante o desejo desenfreado de desenvolvimento agropecuário e pecuário na região. Logo, as mulheres que resistem a essas intervenções são representadas pelo atraso econômico para a região, através do movimento de resistência em cultivar essas práticas nos dias atuais.

Amiúde, Hall (2016, p. 21) destaca que "nós [seres humanos] damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles". À luz dessa reflexão, aproximando-o ao cenário das mulheres quebradeiras de coco babaçu, é evidente que essas mulheres dão significados ao território através da coleta do fruto do babaçu, de modo a construírem histórias e rituais a partir dessa prática, sendo, portanto, um movimento permeado pelo

simbolismo. A respeito da ordenação histórica de significação cultural, Shalins (1997) ressalta que

[...] a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática (SHALINS, 1997, p. 07).

As mulheres quebradeiras de coco babaçu criam e dão significados às histórias que são passadas de geração, por conseguinte, são responsáveis pela preservação de modos culturais a exemplo da utilização da palha da palmeira do babaçu para cobertura de casas, da fabricação de cofos, abanos e esteiras. Na região é comum, por esse motivo, a construção de casas feitas com palha de palmeira, principalmente casas de farinhas e habitações utilizadas para estratificação do próprio babaçu, que guardam ferramentas utilizadas para tal fim, assim como as moradias de uso geral, da agricultura familiar.

Durante a realização desta proposta, valida-se metodologicamente o investimento em pesquisa qualitativa, com uso de método que almeja o estudo da história oral. Cabe referenciar Mynaio, para quem “A pesquisa qualitativa responde à questões muito particulares” (1994, p. 21). Em síntese, tem-se que os fenômenos sociais não podem ser quantificados, posto que as ciências sociais se preocupam com realidades sociais a partir de interações e transformações igualmente sensíveis à realidade da vida, de modo a criar o que Meihy; Ribeiro (2011, p. 121) denominam de “narrativas mistas”, isto é,

[...] a maioria das pessoas contam a própria história mesclando várias soluções narrativas. Tanto a tragédia como o humor acentuados, muitas vezes conjugam-se com factualismo sentido épico e trágico. O esforço em se pontuar a vida como um tipo de heroísmo cotidiano leva as pessoas a se autoprojetarem como síntese da vida coletiva (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 121).

As narrativas mistas são eficazes para entender a importância simbólica das narrativas erguidas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu, pois se constituem em histórias protagonizadas por essas personagens que derivam da realidade. Na construção desse artigo, foram realizadas conversas com duas quebradeiras de coco babaçu do Povoado Piaçava. Essas narraram suas trajetórias de vida a partir da cultura do coco babaçu.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E TERRITORIAL DO POVOADO PIAÇAVA

O Povoado Piaçava possui população estimada em aproximadamente 500 habitantes, segundo dados de 2021 fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde Nazaré, levando em conta a presença de maioria negra, de classe social baixa. Os habitantes que integram esse povoado sobrevivem principalmente do auxílio de programas sociais, do meio previdenciário e do pequeno comércio.

O povoado, na origem, é composto por pessoas advindas principalmente dos Estados do Maranhão e do Piauí. No decorrer das décadas de 50 e 60, formou-se uma pequena vila chamada de Araguaçu. Após alguns anos, os moradores chamaram o lugar de Piaçava, devido à existência de uma palmeira do coco piaçava, na nascente do principal ribeirão que abastecia a população. Inclusive, esse é chamado de ribeirão da Piaçava.

Uma das características dessa região é a representatividade dos babaçuais, apesar das significativas e/ou bruscas mudanças ambientais que ocorreram ao longo das décadas dessa paisagem, no qual vem impactando na preservação dessa palmeira. Nas décadas de 60, 70 e meados dos anos 80, a floresta dessa região sofreu pequenos impactos, ambientais em relação às décadas posteriores. Uma vez que se praticava apenas a agricultura familiar, utilizando a prática da *roça de toco*¹. Porém, com o advento da pecuária, a partir de meados dos anos 80, e a chegada do motosserra na região, houve alteração repentina dessa paisagem, com a devastação dos babaçuais, fato que dificultou o trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu e de outras comunidades tradicionais.

O babaçu foi por muitas décadas a principal fonte econômica das famílias desse povoado, onde faziam uso das palhas de palmeiras na construção de casas, banheiros e privadas, além de confeccionar esteiras, abanos, cofos e artesanatos. Do fruto do babaçu era produzido o azeite, óleo, leite, bolos e doces, complementando a alimentação das pessoas do povoado, é importante destacar que nos dias atuais, as pessoas não fazem uso recorrente do fruto na culinária como antigamente, pois surgiram óleo de soja, oliva e milho no mercado, demonstrando mudanças nos hábitos alimentares. Outro fator que levou à diminuição do consumo do azeite é a escassez e/ou diminuição dos babaçuais e as mudanças dos modos culturais

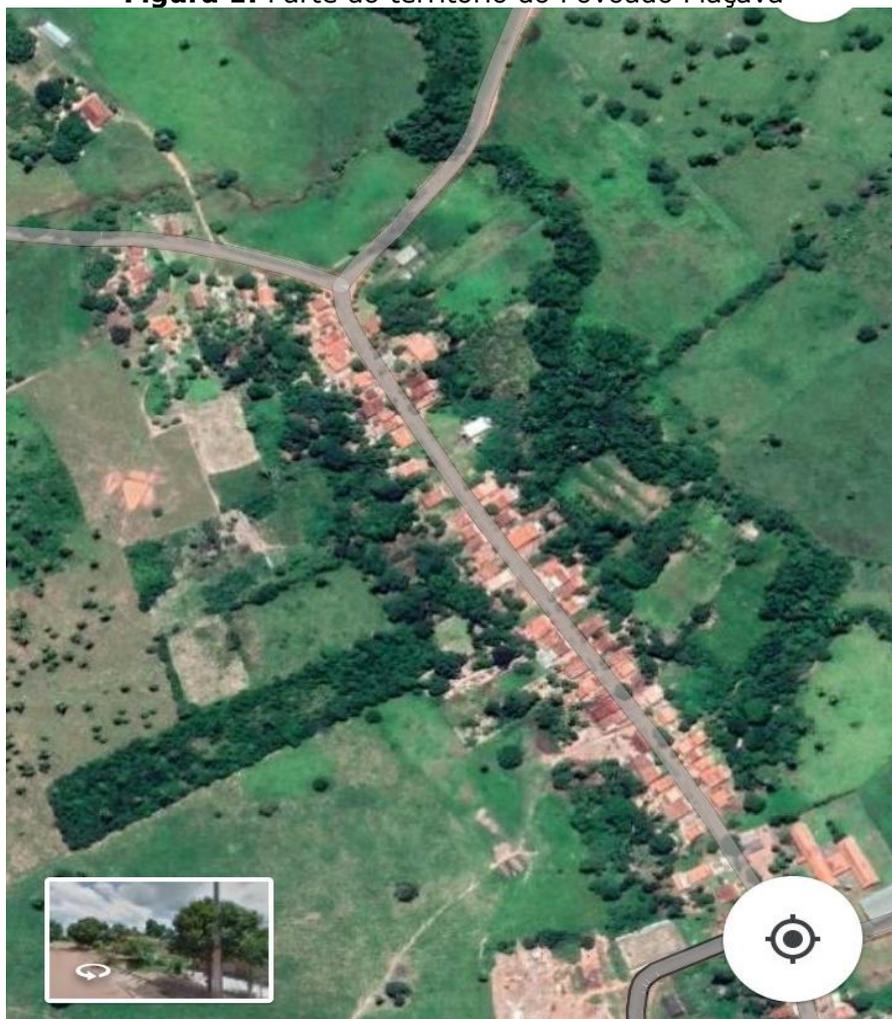
¹ A roça de toco é uma das práticas culturais permeada pelo viés tradicional, sem utilização de venenos, pesticidas ou maquinário.

culinários. O fruto do babaçu é um dos signos de representação dessa população, pois a história e memória dessa cultura se faz presente no cotidiano do povoado:

Assim como as pessoas que pertencem a mesma cultura compartilham um mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos (HALL, 2016, p. 38).

No povoado Piaçava os traços culturais compartilhados entre as pessoas são permeados através das relações de trabalhos, esporte, festas, religião e culinária. Nesse sentido, o babaçu representa simbolismo e resistência cultural desta comunidade, uma vez que as histórias e narrativas que versam sobre esta população é marcada pela prática cultural de estratificação do babaçu. No mapa abaixo fica explícita a representação territorial do povoado:

Figura 1: Parte do território do Povoado Piaçava



Fonte: Google Maps, 2021.

Através da representação, fica nítida a presença da pecuária. Há que se considerar que as pastagens ocupam um elevado percentual do território, ficando assim o mínimo para a floresta. É importante destacar o movimento de luta e resistência das mulheres trabalhadoras rurais frente a essa política hegemônica, capitalista e patriarcal contra a qual o movimento de luta vem se destacando desde os anos de 1980, em várias partes do mundo.

Com efeito, tal cronologia remonta o despertar das mulheres nas lutas sociais e políticas frente aos seus direitos, como destaca Sales (2007). Na realidade das mulheres quebradeiras de coco babaçu do bico do papagaio se destaca a militância de dona Raimunda, liderança feminina que lutou em defesa dos direitos das mulheres trabalhadores rurais. Foi uma das precursoras do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), fundado em 1991. Ela falecera no ano de 2018, deixando seu legado de luta e resistência.

A análise do território dos babaçuais da região do bico do papagaio é pautada pelo processo de descontinuidades e temporalidades, como cita Saquet (2008). Pondera-se aqui sobre as várias mudanças processadas ao longo das décadas, assim marcadas pelo desmatamento dos babaçuais e pelo crescimento simultâneo de empreendimentos próximo ao território. Não obstante, deve se destacar a ocorrência da plantação de eucalipto, milho e soja na região. Dado o exposto, Saquet (2008) avalia que

[...] o caráter material e imaterial do território e da territorialidade requer, evidentemente, uma abordagem que reconheça a unidade entre essas dimensões ou entre as dimensões da economia-política-cultura-natureza (E-P-C-N) (SAQUET, 2008, p. 74).

O território de Piaçava, portanto, deve ser analisado de modo a se considerar suas dimensões políticas, econômicas e culturais, em que pese as marcas deixadas pelas intervenções capitalistas na natureza ao longo das décadas, sendo esse um dos traços que se destaca em face das relações territoriais da região MATOPIBA.

3 AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

A trajetória de luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu é marcada pelo movimento de resistência e perpetuação dessa cultura através das gerações. As mulheres quebradeiras de coco são reconhecidas entre os povos e comunidades tradicionais, categoria sociocultural e política que conquistou reconhecimento

jurídico-legal após anos de luta e mobilização de suas organizações representativas, culminando na instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), em 2007 (CARVALHO; MACEDO, 2019).

Após anos de lutas as mulheres quebradeiras de coco babaçu foram reconhecidas juridicamente como comunidades tradicionais. A partir dessa contextualização, siituo a trajetória de luta e resistência das mulheres da região do bico do papagaio do Tocantins, especificamente as mulheres do Povoado Piaçava, localizado no município de Nazaré.

O município de Nazaré possui uma associação das quebradeiras de coco babaçu, em andamento. Porém, por questões burocráticas, tal associação ainda não teve sua legalidade formal reconhecida pelos poderes constituídos. Em 2019, o SENAR² realizou um curso de empreendedorismo onde incentivou as mulheres a empreender através do coco babaçu. Com isso, as quebradeiras de coco entenderam a importância de se organizarem politicamente nos debates acerca dessa prática cultural, pois cada comunidade desenvolvia esse trabalho nos berços familiares, como narra uma das interlocutoras dessa pesquisa.

Desde criança quebro coco babaçu, para o sustento da minha família, antigamente todo mundo desse povoado vivia desse trabalho e de plantar roças. Aprendi cedo, tirar azeite de coco e fazer carvão, tirar o leite pra comer nas carnes de tatu, cotia, veado, peba, outras caças e também na carne de ovelha, bode, galinha e pato. Da palmeira se aproveita muita coisa, pois a palha serve de coberturas das casas Hoje em dia quebro coco pra tirar azeite, onde ajuda no meu sustento (Maria, 05/01/2022).

Na narrativa da interlocutora Maria, fica claro sua relação com o coco babaçu demarcando sua infância nessa prática de subsistência familiar. É importante destacar que era comum a população de Piaçava vender o fruto do babaçu para a

² "Bioindústria e Sustentabilidade": Projeto pioneiro e inovador, localizado na Amazônia Legal, estado do Tocantins, de "Aproveitamento Integral do Coco de Babaçu", com posicionamento estratégico nos mercados de energias renováveis e de produtos ecologicamente corretos e sustentáveis, como: óleo, torta proteica, biomassas energéticas, farinhas amiláceas, álcool amiláceo e carvão ativado. Disponível em: <https://www.tobasa.com.br/>. Acesso: 06 de jan. 2022.

TOBASA³, uma empresa que está localizada a 60 km do povoado, situada na cidade de Tocantinópolis/TO. Em conversa com dona Antônia ela narrou:

Apreendi a quebrar coco com meus pais, nessa região todo mundo quebrava, fazia mutirões, fazia azeite, carvão, comida com o azeite, óleo e leite do coco, tempero peixe, caça do mato, com leite, a comida fica deliciosa. Antigamente fazia muito bolo, farinha e mingau, alimentei meus filhos com o babaçu e o milho. Até hoje faço comidas com babaçu, de vez em quando preparo bolo com o leite de coco e preparo caça do mato, arroz com azeite fica muito bom. O arroz misturado com feijão, com fava ou com abobora fica bom mesmo é com azeite de coco. Já fiz até doce com o coco ralado depois que tirava o leite para fazer caças, todos gostaram (Antônia, 05/01/2022).

Dona Antônia especifica que cresceu se alimentando do fruto do babaçu, temperando as comidas com azeite, óleo e leites, além de preparar bolos e doces. Criou os filhos quebrando coco babaçu, fazendo esteiras, abanos e cofos, pois no decorrer das décadas de 50 a 90 era comum às pessoas sentarem e até dormir em esteiras feitas da palha do babaçu. É notável que dona Antônia narrou com entusiasmo sobre a cultura do babaçu especificando a culinária e o artesanato. A quebradeira acrescentou que antes de aposentar, vendia azeite de coco na região e em feiras.

Figura 2: Na bacia, amêndoa do coco babaçu, no saco de fibra, as cascas



Fonte: Elaborada pelas autores.

³ O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural é entidade associada à Confederação Nacional de Agricultura, e tem como objetivo organizar, administrar e executar, em todo território nacional, a Formação Profissional Rural e a Promoção Social de jovens e adultos que exerçam atividades no meio rural.

A figura 2 representa a amêndoa do coco babaçu em uma bacia, no ponto para ser torrado e depois moído para ser cozido com bastante água para que seja extraído o azeite. As cascas que estão dentro do saco de fibras, ao lado da bacia, servem para fazer o carvão que é utilizado para fazer fogo o cozimento dos alimentos.

Figura 3: Azeite de coco babaçu pronto para o consumo



Fonte: Elaborada pelas autoras.

A figura 3 demonstra o azeite de coco babaçu pronto para o consumo. No decorrer das décadas de 50 a 80, o azeite estava presente em praticamente 100% das casas existente no povoado Piaçava. Ademais, cabe frisar que a coletividade se constitui em característica importante do trabalho das quebradeiras de coco, sendo um dos traços culturais dessas mulheres.

De meados dos anos 70 até a década de 90 elas se agrupavam nos coqueirais⁴. Ali, com o auxílio dos homens, faziam barracões cobertos de palhas das palmeiras do coco babaçu e neles se acomodavam para se proteger da chuva e do sol enquanto quebravam coco. Era comum adjunto com cerca de 20 a 30 mulheres. No entanto, na década de 80, aconteceram adjuntos com mais de 40 quebradeiras,

⁴ Território conhecido popularmente como "quintas", com presença significativa de babaçuais.

pois se faziam presentes mulheres de várias gerações de diversas categorias e classes econômicas reunidas no cotidiano de trabalho. Na ocasião, elas contavam prosas e suas histórias de vida, pois era uma ocasião que mulheres de várias gerações se reuniam no cotidiano de trabalho. Atualmente, as quebradeiras de coco do Povoado Piaçava praticam esse trabalho, principalmente nas quintais de suas residências, ou em chácaras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da representatividade das quebradeiras de coco babaçu no povoado Piaçava protagoniza o movimento de luta dessas mulheres na região, com o território caracterizado pelo crescimento da pecuária, soja e eucalipto, ameaçando e devastando a paisagem de babaçuais. Essa prática cultural vem passando por várias mudanças ao longo das décadas, pois com o advento dos programas sociais como o Bolsa Família, algumas famílias deixaram de ter renda econômica através da venda amêndoa do babaçu, fazendo uso apenas na alimentação. Nos dias atuais, algumas famílias realizam a coleta do fruto para vender para a TOBASA, prática comum no povoado, enquanto outro grupo de mulheres quebra o coco babaçu para o extrativismo, como meio econômico nas vendas dos azeites e consumo familiar.

Após o surgimento da associação, as mulheres quebradeiras de coco babaçu começaram a empreender e a debaterem politicamente sobre a posição de resistência que assumem para a identidade do município de Nazaré. Por fim, cabe mencionar como agravante o cenário de derrubada de palmeiras, realidade que vem crescendo ao longo das décadas e impactando nessa atividade cultural, econômica e de resistência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”**: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

CARVALHO, Andressa Veras de; MACEDO, João Paulo. As guerreiras do babaçu: Mulheres quebradeiras de coco em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 19, p. 406-426, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAGINO, C. H.. Quebradeiras de coco babaçu: identidade, conflito sócio-ambiental e subsistência. In: ANPOCS, 2007, Caxambu. **31º Encontro anual da ANPOCS, 2007**.

MEIHY, José Carlos; RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MYNAIO, Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Savério Eliseu. **Territórios e Territorialidades**: Teorias Processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista de Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, Florianópolis, p. 437-443, maio/ago., 2007.

Sobre os autores

Lavina Pereira da Silva

Especialista em Sociedade, Trabalho Docente e Gestão Democrática pela Universidade Federal do Tocantins - UFT
Contato: lavinasilva131@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1944-2469>

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG
Contato: rejmedeiros@mail.uft.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4054-0402>

Artigo recebido em: 27 de março de 2023.

Artigo aceito em: 03 de abril de 2023.